

VIVIANE MATESCO

Corpo, imagem e representação

JORGE **zahr** EDITOR
Rio de Janeiro

Introdução

NA SEGUNDA METADE do século XX o corpo é focalizado em happenings, ações, performances, experiências sensoriais, fragmentos orgânicos, o que afirmaria a noção de um corpo literal como singularidade da arte contemporânea. Essa noção foi desenvolvida pela produção e pelo discurso crítico de arte em contraposição ao corpo idealizado expresso no nu. Gênero artístico-metafísico por excelência, o nu foi criado na Grécia em um momento no qual a própria imagem de corpo pôde ser pensada. Isso quer dizer que a concepção de corpo na cultura ocidental está intimamente ligada à questão da imagem e da representação. Se no início do século XX a arte moderna subverte a tradição do nu, através da fragmentação e da deformação do corpo, na segunda metade do século essa crise da outrora equilibrada visão

antropocêntrica é ainda mais acentuada uma vez que a matéria, a animalidade e a cruzeza passam a ser exploradas. Dessa maneira, a arte contemporânea profana a antiga imagem de um corpo idealizado por intermédio do reconhecimento da corporalidade humana, seja através de uma ação ou pela ênfase da sexualidade, a utilização de fluídos e de odores. A afirmação de uma ideologia de corpo autêntico e libertário, nas décadas de 1960 e 1970, contribuiu para a construção da imagem de um corpo puro centrado na experiência física e cotidiana. Utilizado inicialmente como uma ferramenta para aplicar a tinta, o corpo desempenha papel principal na subversão dos tabus e interditos com a body art: seja como pincel, instrumento de libertação ou suporte de discurso, o corpo foi tratado como objeto, como algo externo e manipulável.

Mas será que o sentido do corpo na arte contemporânea pode ser compreendido apenas pelo deslocamento de pessoas, pelos fragmentos orgânicos como sangue, crânios, dentes, trouxas ensanguentadas, urina? Se a presença de elementos corpóreos contraria a sublimação tradicional do corpo expressa no gênero do nu, a redução do corpo apenas à sua corporeidade achata a riqueza de sua complexidade. Certamente, a exposição de dimensões do corpo antes reprimidas profana a idealização de sua imagem e representação no Ocidente. No entanto, fazer o caminho oposto e afirmar a literalidade de um corpo primário é apagar sua ambiguidade constituinte. O cerne do problema quando se enfrenta a ques-

tão do corpo na arte é o terreno movediço dos próprios termos: corpo, imagem e representação não possuem um sentido único e podemos mesmo afirmar que a cultura ocidental é fruto dessa polissemia. O intuito deste livro é buscar nas raízes históricas da relação corpo, imagem e representação elementos que ampliem a reflexão sobre a questão do corpo na arte contemporânea.

Partiremos da série *Vê-nus*, do artista Tunga, para discutir os limites da visualidade e introduzir a problematização do nu no Ocidente e concluiremos o livro com a análise da ação trouxas ensanguentadas, realizada por Barrio. Esses dois trabalhos de arte contemporânea funcionam como propulsores de questões que passam o sentido da arte para os homens de períodos mais remotos até os dias de hoje. Por intermédio deles, compreende-se como um mundo comum se construiu e definiu sua cultura como gestação articulada e simultânea do invisível e do visível. O pensamento ocidental é construído mediante dualidades como corpo e alma, Eros e Tânatos, matéria e espírito, aparência e essência, corpo e mente, sensível e inteligível, categorias criadas pelo homem que informaram e geraram as concepções de corpo, imagem e representação no Ocidente.

Vê-nus

Trabalho de Tunga de 1976, *Vê-nus* (cuja fotografia está na capa) é realizado a partir de uma folha de borracha